

escritos possuem numerosos pontos em comum com a teosofia de Helena Blavatsky. Considerado com razão um grande pensador, Antônio de Lisboa destaca-se como o primeiro escritor português cuja obra teve um forte impacto no mundo todo. Seus textos ensinam uma sabedoria universal e denunciam a corrupção do alto clero, propondo a vivência direta do ensinamento.

A imagem popular do santo, por outro lado, tem vida própria. As lendas sobre os milagres feitos por ele são numerosas e extraordinárias, inclusive pelo pouco realismo. O santo Antônio da opinião pública é intensamente independente da verdade histórica. Graças a isso, já no século 19 o santo foi formalmente nomeado tenente-coronel do Exército, no Rio de Janeiro, por Dom João VI.

(Carlos Cardoso Aveline)

000

Tenente-Coronel Santo Antônio

Helena P. Blavatsky

Em 1808 Dom João VI, Príncipe Regente de Portugal, temendo Napoleão I, fugiu para o Brasil; e em 1815 foi coroado monarca do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Reconvocado ao seu país pelas Cortes de Portugal, ele voltou a Lisboa em 1821. E agora um documento muito interessante, contendo nada menos e nada mais que a nomeação do há muito falecido Santo Antônio para o posto de Tenente-Coronel do exército português, por parte deste príncipe, foi divulgado na publicação de Lisboa *Revista Militar*. Esta é uma transcrição literal desta singular proclamação, em língua portuguesa [2]:

“D. João, por graça de Deus, príncipe regente de Portugal e dos Algarves (...): Faço saber, aos que esta minha carta patente virem, que, sendo da minha particular devoção o glorioso Santo Antônio, a quem o povo desta corte incessantemente e com a maior fé dedica os seus votos, e tendo o céu abençoado os esforços dos meus exércitos, com a paz que se dignou conceder à monarquia portuguesa, crendo eu piamente que a eficaz intercessão do mesmo santo tem concorrido para tão felizes resultados: Tenho por bem se eleve ao posto de tenente-coronel de infantaria e com ele haverá o respectivo soldo, que lhe será pago na forma das minhas reais ordens, pelo que o marechal de campo, Ricardo Xavier Cabral da Cunha, que na qualidade de ajudante general, e encarregado interinamente do comando das armas desta corte e capitania, assim o cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer, para lhe ser pago em seus devidos tempos. Em firmeza [disso] mandei passar carta, por mim assinada e selada com o selo grande de minhas armas. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro aos 31 do mês de agosto do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1814. - O príncipe.”

Podemos acrescentar que esta não é a primeira vez que santos falecidos foram nomeados para altas posições na hierarquia militar. Santiago, na sua função de Capitão-General, recebeu durante anos o seu salário do governo espanhol, ao qual ele (?) renunciou em favor da igreja que leva o seu nome.

NOTAS:

[1] O artigo é traduzido de “Collected Writings”, de H. P. Blavatsky, TPH, EUA, vol. II, pp. 180-181. (CCA)

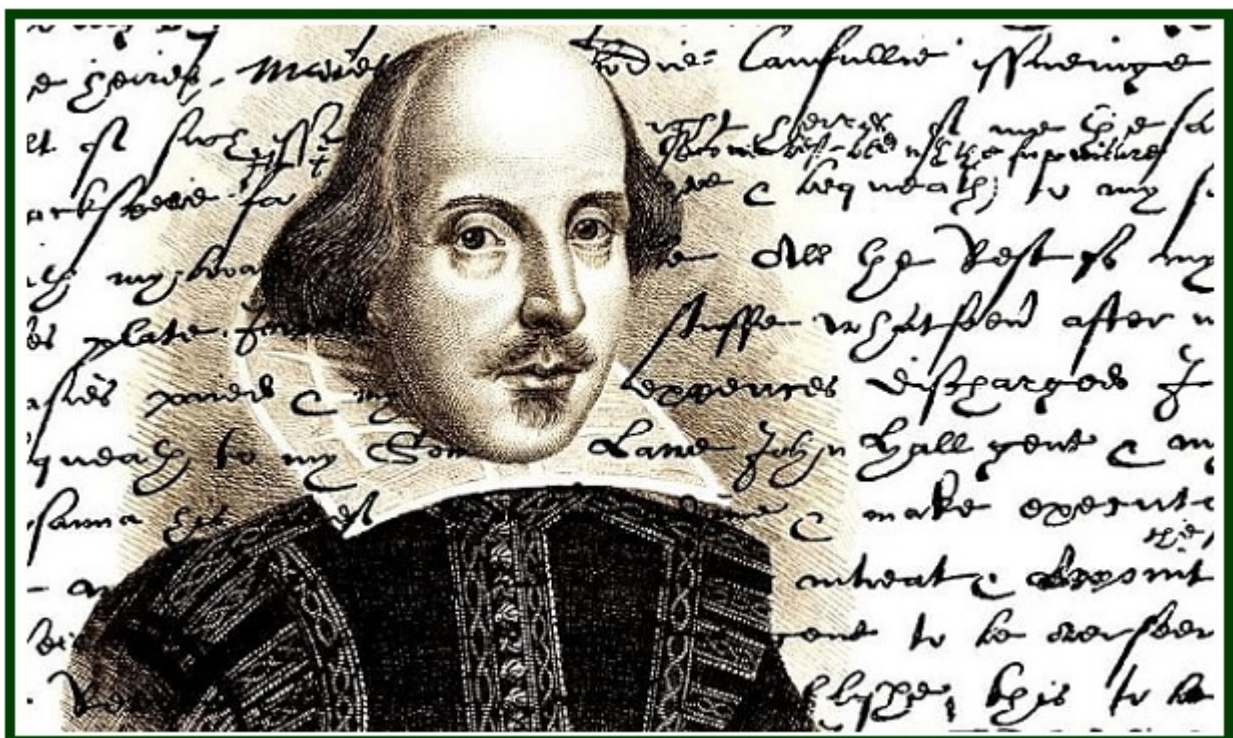
[2] Ao invés de retraduzir esta citação desde o inglês para o português, reproduzimos aqui o original do documento assinado no Rio de Janeiro, tal como publicado na obra “*Investigações Históricas do Regimento de Infantaria nº 19*”, de Augusto Carlos de Souza Escrivanis, Typographia da Companhia Nacional Editora, Lisboa, Portugal, 1900, 115 páginas. Ver pp. 113-114. (CCA)

000

Leia os artigos “[Francisco, o Santo Panteísta](#)” e “[Oração Para Aqueles que Curam](#)”.

000

Quem Escreveu as Obras de Shakespeare



Há séculos existe uma controvérsia sobre quem foi o verdadeiro autor das obras assinadas por William Shakespeare.

Terá sido Sir Francis Bacon?

Embora amplamente desmentida nos círculos literários convencionais, a tese Bacon-Shakespeare é aceita por grande parte dos estudiosos da tradição esotérica.

Em H.P. Blavatsky e nas Cartas dos Mahatmas, o tema é mencionado de passagem várias vezes, sem que seja tomada uma posição clara a respeito. Isso pode ser resultado de uma decisão diplomática de evitar envolver-se na discussão, e de permitir que a compreensão do tema evolua naturalmente, sem interferência de sábios orientais.

A escritora e teosofista britânica Jean Overton Fuller aborda a questão em sua biografia intitulada “Sir Francis Bacon” [1].

Jean constatou, por exemplo, que trechos do diário de Francis Bacon são transcritos literalmente na obra “Rei Henrique VI”, atribuída a Shakespeare. Assim como outros autores já fizeram, Jean Overton Fuller mostra um fato básico. As obras assinadas por Shakespeare demonstram tamanha erudição e um tão profundo conhecimento clássico e místico que só poderiam ter sido escritas por alguém que fosse um grande pensador, e por alguém - inclusive - que convivesse com os altos círculos de poder político, como era o caso de Sir Francis Bacon. As chamadas obras de Shakespeare não poderiam ter sido criadas por um ator pobre, de cultura limitada, como foi William Shakespeare.

Por outro lado, Francis Bacon, o sábio ex-chanceler da Inglaterra, não teria condições políticas de assinar pessoalmente obras que traçavam um retrato tão rigoroso das elites e da nobreza britânica da época.

Precisava de alguém que figurasse perante o público como autor das suas obras dramáticas.

Jean Overton Fuller analisa a vida de Bacon e mostra como os seus sofrimentos pessoais coincidem com os dramas dos personagens shakespearianos. A relação da obra de Shakespeare-ou-Bacon com a tradição esotérica também se explica pelo fato de que Bacon era um estudioso da tradição mística ocidental. Bacon escreveu e assinou ensaios de grande importância e também é considerado um dos principais formuladores do método científico moderno.

O pensador Manly P. Hall compara em sua obra “The Secret Teachings of All Ages” [2] um retrato de Bacon com o retrato mais conhecido de Shakespeare. Hall publica um dos retratos em papel vegetal, transparente, ao lado do outro, o que permite a superposição das duas imagens e demonstra a identidade dos traços fisionômicos.

M. P. Hall acrescenta, à p. 165 do seu livro: “É bastante evidente que William Shakespeare não poderia ter escrito, sem ajuda, as obras imortais que levam seu nome. Ele não possuía a necessária cultura literária, porque a cidade de Stratford, em que ele foi educado, não tinha uma escola capaz de transmitir as formas superiores de conhecimento que se refletem nos escritos atribuídos a ele. Seus pais eram analfabetos, e em sua juventude ele demonstrou um total desinteresse pelo estudo.”

A análise da letra manuscrita de Shakespeare também demonstra, segundo M.P. Hall, que ele não estava habituado a escrever. Sua letra era insegura, incerta, mal definida. De seu punho, só há algumas assinaturas do seu nome e o seu testamento. Nenhuma das obras atribuídas a Shakespeare tem originais com a letra do autor.

Se quisermos ter acesso a uma série de estudos rigorosos sobre o problema da lealdade ou traição durante o aprendizado esotérico, e sobre as provações e testes que toda alma madura deve enfrentar, basta assistir a bons filmes que sejam adaptações de peças de Shakespeare.

NOTAS:

[1] “Sir Francis Bacon”, segunda edição, George Mann Books, Maidstone, Kent, UK, 1994, 384 pp.

[2] Editada pela Philosophical Research Society, Los Angeles, CA, EUA, segunda edição, 1994. O livro tem 245 pp. ilustradas, em tamanho ofício. Há uma tradução da obra publicada em dois volumes em Portugal, pela editora Alma dos Livros, em 2020, sob o título de “Os

sistemas idênticos ao da estrela Alfa de Hércules - privados de hidrogênio. Outros parecem em labaredas. Paramos perto de muitos. Que inimaginável variedade!

Sobre um de entre eles, as rochas, as plantas e as paisagens reenviam, durante as horas da noite, a luz que receberam e acumularam no decurso do dia. Talvez o fósforo constitua importante contingente na composição desses corpos. É um mundo muito estranho, onde a noite é desconhecida, embora seja desprovido de satélites. Parece que seus habitantes desfrutam de uma propriedade orgânica muito preciosa: são conformados de tal sorte que percebem todas as funções da manutenção vital do organismo. De cada molécula do corpo, por assim dizer, parte um nervo que transmite ao cérebro as impressões variadas que recebe, de maneira que o homem se vê interiormente, e conhece, de início, todas as causas das doenças, os menores sofrimentos, os quais são detidos desde os seus germes.

Em outro globo, que atravessamos também durante a noite, isto é, do lado do seu hemisfério noturno, os olhos humanos estão organizados de tal sorte que são *luminosos*, alumiam, qual se alguma emanção fosforescente irradiasse do seu estranho foco. Uma reunião noturna, composta de grande número de pessoas, oferece aspecto verdadeiramente fantástico, porque a claridade, e assim a cor dos olhos, muda conforme as diversas paixões que as animam. Além disso, o poder desses olhares é tal que exercem influência elétrica e magnética de intensidade variável, e, em certos casos, podem fulminar, fazer cair morta a vítima na qual se fixe toda a energia da sua vontade.

Um pouco mais longe, a minha guia celeste assinala um mundo onde os organismos gozam de preciosa faculdade: a Alma pode mudar de corpo, sem passar pela circunstância da morte, muitas vezes desagradável, e sempre triste. Um sábio, que trabalhou a vida inteira pela instrução da Humanidade, e vê chegar o fim de seus dias, sem haver terminado os nobres empreendimentos, - pode mudar de corpo com um adolescente e recomeçar uma vida nova, mais útil ainda do que a primeira. Para essa transmigração basta o consentimento do adolescente e a operação magnética de um médico competente. Vêm-se também, às vezes, dois entes, unidos pelos tão suaves e fortes laços do amor, operar igual mudança de corpo, após vários lustros de união: a Alma do esposo vem habitar o corpo da esposa, e vice-versa, pelo resto da existência. O conhecimento íntimo da vida se torna incomparavelmente mais completo para cada um deles. Vêm-se também sábios, historiadores, desejosos de viver dois séculos em vez de um, mergulhar em sonos de hibernação artificial, que lhes suspendem a vida durante metade de cada ano e mesmo mais. Alguns conseguem até viver três vezes mais tempo do que a vida normal dos centenários.

Momentos depois, atravessando outro sistema, encontramos um gênero de organizações inteiramente diverso e, com segurança, superior ao nosso. Nos habitantes do planeta que tínhamos então sob os olhos, mundo iluminado por brilhante sol hidrogenado, o pensamento não é obrigado a passar pela palavra para manifestar-se. Quantas vezes não tem acontecido, quando uma ideia luminosa ou engenhosa nos vem ocupar o cérebro, querer exprimi-la ou escrevê-la, e, durante o tempo em que começamos a falar ou escrever, sentir já a ideia dissipada, esvaída, obscurecida ou metamorfoseada? Os habitantes desse planeta possuem um sexto sentido, a que se poderia chamar *autotelegráfico*, em virtude do qual, se aquele que pensa não se opõe a isso, o pensamento se comunica ao exterior e pode ser lido em um órgão situado pouco mais ou menos no mesmo lugar da frente humana. Essas conversações silenciosas são muitas vezes as mais profundas e as mais preciosas; são sempre as mais sinceras.

Somos ingenuamente dispostos a crer que a organização humana não deixa nada a desejar na Terra. Entretanto, não temos muitas vezes lamentado ser a criatura obrigada a ouvir, mau grado seu, palavras desagradáveis, um discurso absurdo, um sermão orgulhoso em vácuo, música péssima, maledicências ou calúnias? As nossas gramáticas têm pretendido que podemos “fechar os ouvidos” a esses discursos; assim não é, infelizmente. Não podemos fechar os ouvidos, tal qual fechamos os olhos. Há aí uma lacuna. Fiquei surpreendidíssimo de assinalar um planeta onde a Natureza não esqueceu essa particularidade. Porque quando nos detivemos nele um momento, mostrou-me Urânia esses ouvidos que se fechavam à maneira de pálpebras, e interceptavam radicalmente a transmissão do som. “Há aqui, disse-me ela, muito menos cóleras surdas do que entre vós outros; mas as dissidências entre os partidos políticos são muito mais acentuadas, não querendo os adversários ouvir coisa alguma, e triunfando efetivamente, apesar dos mais loquazes advogados e dos tribunos dotados de melhores pulmões.”

Em outro mundo, cuja atmosfera está constantemente eletrizada, cuja temperatura é muito alta, e onde os habitantes têm tido quase ou nenhuma razão suficiente para inventar vestimentas, certas paixões se traduzem pela iluminação de uma parte do corpo. É em ponto grande o que se passa em ponto pequeno em nossas campinas terrestres, onde se veem, durante as serenas noites de estio, os pirilampos consumindo-se, silenciosamente, em amorosa flama. O aspecto dos casais luminosos é curioso de observar, à noite, nas grandes cidades. A cor da fosforescência difere segundo os sexos, e a intensidade varia segundo as idades e os temperamentos. O sexo forte acende uma flama vermelha, mais ou menos ardente, e o sexo gracioso uma flama azulada, às vezes pálida e discreta. Só os nossos pirilampos poderiam formar uma ideia, mui rudimentar, da natureza das impressões sentidas por esses entes especiais. Não queria eu dar crédito a meus olhos quando atravessávamos a atmosfera de tal planeta; porém, ainda muito mais surpreendido fiquei, chegando ao satélite desse mundo singular.

Era uma lua solitária, iluminada por uma espécie de sol crepuscular. Sombrio vale ofereceu-se aos nossos olhares. Das árvores disseminadas nos dois lados, pendiam criaturas humanas envoltas em sudários. Tinham-se atado elas mesmas aos ramos, pela cabeleira, e dormiam ali no mais profundo silêncio. O que eu tomara por sudários era um tecido formado pelo alongamento dos cabelos emaranhados e encanecidos. E porque me admirasse de semelhante posição, disse Urânia que era aquele o seu modo habitual de sepultamento e de ressurreição. Sim, naquele mundo os entes humanos gozam da faculdade orgânica dos insetos, que têm o dom de dormir no estado de crisálida para se metamorfosearem em aladas borboletas. Há nisso uma espécie de dupla raça humana, e os estagiários da primeira fase, os seres mais grosseiros e materiais, não aspiram senão a morrer, para ressuscitar na mais esplêndida das metamorfoses. Cada ano desse mundo representa cerca de dois séculos terrestres. Vive-se ali dois terços de ano em estado inferior, um terço (o inverno) em estado de crisálida, e, na primavera seguinte, sentem, os suspensos, gradualmente a vida voltar à carne transformada; agitam-se, despertam, deixam a carcaça na árvore, e despreendendo-se, maravilhosos entes alados voam nas regiões aéreas, para viver aí um novo ano fenixiano, isto é, duzentos dos de nosso rápido planeta.

Atravessamos assim grande número de sistemas, e parecia-me que a eternidade inteira não teria sido bastante longa para permitir-me gozar de todas essas criações desconhecidas à Terra; mas minha guia me deixava apenas o tempo para respirar, e novos sóis, e novos mundos continuavam aparecendo. Em nosso trajeto, tínhamos quase abalroado uns cometas transparentes que erravam, quais sopros, de um a outro sistema, cujas Humanidades teriam sido novos assuntos de estudo.

Os cinco pobres sentidos incompletos, que constituem a nossa bagagem orgânica, são verdadeiramente insignificantes à riqueza de percepções dos seres munidos de quinze, dezoito e mesmo vinte e seis sentidos diferentes, conforme constatamos em muitas Terras no céu. No entanto, a Musa celeste continuava a levar-me sem parar, sempre cada vez mais alto, cada vez mais longe, até que, enfim, chegamos ao que me pareceu o subúrbio do Universo. Os sóis tornavam-se mais raros, menos luminosos, mais pálidos; a noite se fez mais completa entre os astros, e em breve nos achamos no meio de verdadeiro deserto; os milhares de estrelas, que constituem o Universo visível da Terra, estavam afastados e reduzidos a uma pequena via-láctea, isolada no vácuo infinito.

- Eis-nos finalmente, exclamei, nos limites da Criação!

- Olha! Respondeu-me ela, mostrando-me o zênite.

000

Reproduzido do livro “**Urânia**”, de Camille Flammarion, Federação Espírita Brasileira, tradução de Almerindo Martins de Castro, Copyright 1937, quarta edição, 197 pp., ver pp. 23-28. Digitação e revisão: Arnalene Passos do Carmo e Silvia Caetano de Almeida.

A ortografia do texto foi atualizada. Em alguns poucos casos, palavras foram adaptadas para a linguagem do século 21.

Camille Flammarion (1842-1925) foi espírita e membro do movimento teosófico enquanto Helena Blavatsky vivia. Seus escritos são elogiados em uma das Cartas dos Mahatmas.

000

O Jesus da Bíblia

Cada ato do Jesus do Novo Testamento, cada palavra atribuída a ele - e cada acontecimento relacionado com ele durante os três anos da missão que se diz que ele realizou - têm como base o programa do Ciclo de Iniciações, um ciclo que é fundamentado na Precessão dos Equinócios e nos Signos do Zodíaco.

(**Helena P. Blavatsky** em “Collected Writings”, TPH, EUA, vol. IX, p. 203.)

000

Os Deuses Egípcios

“Entre os egípcios, o deus oculto era Amon (*Mon*). Todos os seus deuses eram duais: a *realidade* científica era para o Santuário; o seu duplo, a Entidade fabulosa e mítica, para as massas.”

(**Helena Blavatsky** em “[The Secret Doctrine](#)”, vol. I, [página 366](#).)

000

Ideias ao Longo do Caminho

Quando o Discípulo é Sincero, Torna-se Visível a Autenticidade Essencial do Mundo



Visto em profundidade, o mantra é não só um som físico, mas uma ideia sagrada

* Confiança e confiabilidade são inseparáveis, porém *ser digno de confiança* é mais valioso do que confiar. Do mesmo modo, ser amigo é mais importante que ter amigos. Ao invés de reclamar, é melhor agradecer. Mais vale fazer do que pedir, realizar do que prometer, ajudar do que ser ajudado. [1]

* O indivíduo que é confiável tende naturalmente a confiar, tanto na vida como em si mesmo e nos outros. E não fará isso de olhos cegos, mas com discernimento. O cidadão que não é confiável, porém, inclina-se facilmente a ficar desconfiado. Pode inclusive sofrer da doença da suspeita, porque o seu subconsciente sabe que ele mesmo não merece confiança.

* Quando alguém se perguntar, portanto, se pode confiar nisso ou naquilo, deve perguntar a si mesmo: “*Da minha parte, eu sou confiável? Minha palavra é firme e estável? Minhas ações merecem a confiança de todos?*”

* Depende de cada peregrino ser digno da confiança das pessoas com quem se relaciona. Quando todos fizerem isso, o mundo inteiro será confiável.

* Se as pessoas comessem subitamente a confiar em tudo e todos, teríamos um problema grave de ingenuidade. Porém para aquele que é digno de confiança, o ato de confiar na vida ocorre naturalmente.

* Ter confiança, porém, não pode ser algo obrigatório. A dúvida não é o inimigo. A dúvida ajuda o peregrino, por levar ao estudo e à pesquisa até que surja a compreensão. Além de

examinar se o ensinamento que estudamos é autêntico, cabe investigar se nós mesmos somos autênticos e como aumentar nossa legitimidade.

* O ensinamento teosófico autêntico é aquele que mostra a ilusão em mim e que me ajuda a libertar-me dela, tornando minhas ações mais honestas e mais duradouras. Aprender teosofia é tornar-se cada vez mais autêntico. Se eu for confiável, entrarei em sintonia interior com o que é verdadeiro e deixarei de lado, passo a passo, o mundo das ilusões.

* Quando o discípulo é sincero mas não ingênuo em tudo o que faz, torna-se visível para ele o caráter essencialmente autêntico do mundo, que outros talvez não consigam perceber.

* O cosmo inteiro avança segundo a lei da sintonia e da afinidade. Aceitando a sua insignificância diante da lei universal, o peregrino descobre o que há de melhor em si próprio. A humildade interior o liberta de tudo o que não é confiável.

* O estudo da filosofia esotérica coloca as esperanças e dificuldades pessoais dentro de um contexto mais amplo, de modo que a alma se liberta para o mundo da paz e da sabedoria.

A Doutrina Secreta Como Mantra Ioga

* Vista superficialmente, a prática de um mantra consiste na recitação repetida de uma ou mais palavras sagradas. Visto em profundidade, o mantra é não só um som físico, mas uma ideia espiritual.

* A obra máxima da filosofia esotérica moderna, “A Doutrina Secreta”, tem entre os seus numerosos aspectos uma dimensão mântica.[2] Ao longo das suas cerca de 1500 páginas - na edição original em inglês - o leitor está constantemente abordando e pronunciando mentalmente, pelo mero fato de ler o livro, um número incontável de palavras referentes ao mundo divino, e expressando igual número de ideias divinas. O efeito é o de um mantra. Outros grandes livros da literatura mística produzem resultados práticos similares.

* Pouco a pouco a mente do estudante toma a forma daquilo que ele contempla. Através de uma leitura calma e sincera, ele perde interesse em temas mundanos à medida que aumenta a sua compreensão dos temas divinos.

* A metafísica teosófica ensinada por Helena Blavatsky é uma forma de Jnana Ioga que nos convida à prática de Carma Ioga e de Raja Ioga; no entanto ela também constitui Mantra Ioga em si mesma, e anda perto de Bhakti Ioga, se levarmos em conta os aspectos essenciais e não meramente formais de cada um destes campos de conhecimento.

NOTAS:

[1] Veja o artigo “[Oração Para Aqueles que Curam](#)”.

[2] Clique para ver o que já foi traduzido ao português da edição original de 1888 da obra “[A Doutrina Secreta](#)”.

000

Para estudar Teosofia autêntica, ingresse no grupo “[SerAtento](#)” em [GoogleGroups](#).

000

Três Esferas Inseparáveis: **O Pensamento, a Ação e a Emoção**



O peregrino espiritual sensato mantém uma proporção correta entre o mundo das ideias, o mundo dos sentimentos e o mundo das ações. Havendo um equilíbrio adequado entre estas três esferas, o mundo espiritual poderá aproximar-se, por afinidade, e ser percebido.

O estudo da literatura teosófica e filosófica é valioso quando é vivencial. O peregrino realista observa atentamente as suas próprias emoções diante do conhecimento sagrado que busca obter.

Quando o sentimento é de vaidade, de posse, ou de busca de prestígio, o estudo se torna inútil. Se o sentimento não for de vaidade, o estudo será valioso e o peregrino sentirá devoção, reverência, gratidão, ou uma combinação destes três fatores. Estes sentimentos surgem naturalmente quando a caminhada é saudável. Tentar fabricá-los é pior que inútil porque leva à hipocrisia.

É falso pensar que “no estudo transcendemos o mundo emocional”. Suprimir as emoções é impossível: elas são parte da alma.

Quando alguém elimina seus sentimentos do campo da autoconsciência, está apenas empurrando-os para o subconsciente e negando-se a olhar para eles. Deste modo eles se tornam ainda piores. Numerosos estudantes de filosofia esotérica fazem isso. Entusiasmados com o seu suposto talento para usar palavras bonitas, desenvolvem sentimentos de inveja para com os seus colegas. Consideram-se melhores do que os outros, adotam poses emocionais e intelectuais como se fossem grandes sábios, e buscam obter a admiração de outras pessoas. Terminam alimentando maus pensamentos em relação a seus semelhantes.

Todo jogo de faz-de-conta implica não só enganar os outros, mas sobretudo enganar a si mesmo. O resultado é um desastre.

Aquele que quer obter o aplauso dos outros não tem como meta alcançar a verdade, nem melhorar a si próprio, mas pretende fugir da verdade inegável que é a sua própria ignorância espiritual. E também tenta escapar infantilmente do fato de que, se estiver disposto a fazer um esforço constante - e se tiver paciência - vencerá pouco a pouco a sua própria ignorância e o seu despreparo, aprendendo alguma coisa.

Aquele que supera a atitude infantil assume responsabilidade pela sua própria vida. Devagar se vai ao longe, quando se sabe para onde se está indo; e caminhar é possível, especialmente quando se caminha com calma e vigilância.

A Doutrina Secreta: **O Mistério da Vida Eterna**

De forma gradativa, a Loja Independente de Teosofistas está avançando com a tradução e publicação online da edição original de “A Doutrina Secreta”. Há muito trabalho por fazer.

No prefácio do livro, Helena Blavatsky afirma:

“A meta desta obra pode ser descrita do seguinte modo: mostrar que a Natureza não é ‘uma aglomeração casual de átomos’, e indicar ao ser humano o seu lugar correto no esquema do Universo; resgatar da degradação as verdades arcaicas que estão na base de todas as religiões; e revelar, até certo ponto, a unidade fundamental da qual todas elas surgem; e, finalmente, mostrar que o lado oculto da Natureza nunca foi enfocado pela Ciência da civilização moderna.” [1]

Albert Einstein foi um dos maiores cientistas do século 20 e não por acaso um leitor de “A Doutrina Secreta”. Sobre ele, Carlos escreve:

“Grande alma, pensador maduro, Einstein escrevia para gente de todas as religiões e filosofias. Falava sempre do essencial e evitava envolver-se desnecessariamente com formas externas. Seu grande tema foi a atitude do homem diante de si mesmo e do cosmo.” [2]

A ciência dissociada da espiritualidade encontra severas barreiras na busca da verdade. Por outro lado, a espiritualidade desconectada da ciência cai no ritualismo e na fé cega, que em nada auxiliam a humanidade.

Hoje mais que nunca o ser humano precisa unir ciência e vida espiritual. Cada um precisa se reconectar para encontrar “o seu lugar correto no esquema do Universo”.

A base do pensamento humano precisa focar na vida em suas infinitas manifestações, percebendo que somos pequenos e, ao mesmo tempo, grandes na economia da natureza. Somos grandes se aprendermos seus mistérios. E somos nada se não percebermos nossa pequenez diante do TODO. Que saibamos respeitar, resgatar, aprender e buscar viver em conformidade com os ensinamentos transmitidos por Aqueles que sabem. Este é nosso compromisso como estudantes de teosofia.

(Arnalene Passos do Carmo)

NOTAS:

[1] Tradução passo a passo da obra “[A Doutrina Secreta](#)”, de Helena Blavatsky, p. 10.

[2] Texto "[A Teosofia de Albert Einstein](#)", de CCA.

000

O Primeiro Rei de Portugal Era Um Cavaleiro Templário



Desenho do século 14 mostrando Dom Afonso Henriques,
primeiro rei português, à direita, ao lado do seu pai, Conde Dom Henrique

Dom Afonso Henriques, aclamado rei de Portugal no dia 26 de julho do ano de 1139, era, ele próprio, um Cavaleiro Templário desde pelo menos dez anos antes.

O ato da aclamação que estabeleceu a fundação de Portugal como país independente, não foi de modo algum um fato meramente material, político ou burocrático. Havia uma visão filosófica transcendente e uma proposta espiritual em torno do surgimento da nação lusitana.

Helena Blavatsky afirma que os cavaleiros da Ordem do Templo eram inspirados diretamente pela sabedoria oriental. [1]

Nascido entre os anos de 1106 e 1111, na cidade portuguesa de Guimarães, o rei Afonso Henriques viveu até 6 de dezembro de 1185. Dez anos antes da fundação do país, Dom Afonso fez um documento público ratificando sua doação do castelo de Soure à Ordem do Templo. O original do documento está hoje na Torre do Tombo, em Lisboa, e a Loja Independente de Teosofistas teve acesso à sua versão digital.

No texto oficial, Dom Afonso Henriques declara:

“Dou a vós Soldados do Templo de Salomão o antigo Castelo que se chama Soure (...) e esta doação faço não por mando, ou persuasão de alguém, mas por amor de Deus, e por remédio de minha alma, e de meus Pais, e pelo cordial amor que vos tenho e porque em vossa Irmandade e em todas vossas boas obras sou Irmão.....”. [2]

Ou seja, o futuro rei afirma que é Irmão da Ordem dos Templários.

Ao final da carta, consta a data de 13 de março do ano de 1167 da era de César, vigente na época. Na era cristã, que viria a ser adotada em Portugal séculos mais tarde, o ano equivale a 1129.

A regra primitiva da Ordem do Templo de Salomão havia sido aprovada um ano antes, em 1128, e a fundação da Ordem ocorrera em 1119. [3] É fato demonstrado que os templários estavam ativos no futuro território português desde o início da Ordem em Jerusalém. Existem numerosas evidências de que os templários cumpriram papel fundamental na criação do reino de Portugal.

Por outro lado, o fato de que reis eram pessoalmente membros da Ordem do Templo não é algo que se possa considerar surpreendente. No seu texto sobre os templários, Helena Blavatsky afirma que mesmo depois da brutal perseguição dos templários por parte do Vaticano - começada em 1307 - a Ordem do Templo continuava contando com diversas “cabeças coroadas”, ou seja, reis, entre seus membros: mas as atividades ocorriam em rigoroso segredo.

Os templários eram mestres em criptografia. Há importantes elementos comuns entre a filosofia templária, a filosofia esotérica oriental e a visão de mundo dos maçons.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] Veja o artigo “[O Mistério dos Templários](#)”, de Helena Blavatsky.

[2] Transcrevemos este trecho da carta a partir do livro de 1771 “Historia da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo”, do frei Bernardo da Costa. A obra foi publicada em Coimbra, na oficina de Pedro Ginioux, mercador de livros, ver pp. 157-158. Temos também acesso ao original que hoje está na Torre do Tombo.

[3] Evidências bem estabelecidas da data de 1119-1120 estão na obra “A Regra dos Templários”, de J. M. Upton Ward, Editora A Esfera dos Livros, Portugal, 255 pp., ver p. 13. *A Encyclopaedia Britannica*, edição de 1967, dá a mesma informação. Pinharanda Gomes faz afirmação idêntica em “A Regra Primitiva dos Templários” (Ed. Hugin., Lisboa, 160 pp., 1999, p. 18). Ele diz que a regra de 1128 foi aprovada “no nono ano de fundação da Ordem”.

000

O texto acima resulta de um trabalho de pesquisa feito em conjunto com Joana Maria Pinho.

000

A Páscoa Como Renascimento Interior **Um Processo Circular de Renovação da Vida**



A ressurreição que a Páscoa cristã comemora anualmente está ao alcance de cada ser humano o tempo todo.

O triste velho cristianismo do dogma, da culpa e da intolerância dará lugar durante o século 21 a uma nova espiritualidade inter-religiosa, filosófica, otimista e voltada para o futuro.

A tradição cristã - assim como outras religiões - pode e deve passar por uma morte e um renascimento. A disciplina espiritual é dura e inevitável para quem quiser trilhar o caminho místico. Mas ela não é feita de tristeza ou dogmatismo, e sim de liberdade interior, responsabilidade própria e contentamento.

A própria base da tradição cristã é pagã, panteísta e ecológica. As principais datas do calendário cristão são adaptações de festividades não-cristãs dedicadas à celebração do Sol e dos ciclos naturais.

A Páscoa, por exemplo, é comemorada perto do equinócio da primavera, no hemisfério norte, e do equinócio do outono, no hemisfério sul. Nesta época do ano, a noite e o dia têm a mesma duração. A partir da época da Páscoa, o equilíbrio entre a luz e a sombra é rompido a favor da luz solar, no hemisfério norte. Por isso, tradicionalmente, a Páscoa é vista como o anúncio de um novo começo e como algo que abre espaço para o ressurgimento da vida em todas as dimensões da natureza.

Até o século 19, ainda era costume em certas regiões da Europa sair para a natureza na madrugada do dia da Páscoa e assistir ao nascimento do Sol. Havia a convicção de que o astro-rei dançava de alegria nesse dia, logo acima da linha do horizonte, comemorando o novo período anual de predomínio da luz.

Nos países do hemisfério sul, onde a celebração da Páscoa marca a época do equinócio de outono, o momento anuncia a caminhada em direção ao inverno. Neste caso, o renascimento da Páscoa não é um processo físico ou externo. É interior, espiritual. Exige renúncia e aceitação.

[Clique para ver o artigo inteiro](#)

A Sabedoria Eterna no Ovo da Páscoa



Há uma teosofia oculta no antigo costume popular de presentear pessoas com ovos na Páscoa? Helena P. Blavatsky escreve:

“O ovo era sagrado para [*a deusa*] Ísis; por causa disso os sacerdotes do Egito nunca comiam ovos.”¹

“Diodoro Sículo afirma que Osíris nasceu de um ovo, tal como Brahmâ. Apolo e Latona nasceram de um ovo de Leda², assim como Castor e Pólux, os Gêmeos brilhantes. E embora o budismo não atribua a mesma origem ao seu fundador, ainda assim os budistas não comem ovos, assim como os egípcios antigos e os brâmanes modernos, para não destruírem o germe da vida latente neles, o que seria cometer um Pecado. Os chineses acreditam que o seu primeiro ancestral nasceu de um ovo, que *Tien*, um deus, deixou cair do céu para a Terra nas águas.³ Este simbolismo ainda é visto como representativo da ideia da origem da vida, e é uma verdade científica, embora o *ovum* humano seja invisível a olho nu. Portanto, vemos que a ideia é respeitada desde o passado mais remoto pelos gregos, fenícios, romanos, pelos japoneses, e os tailandeses, pelas tribos da América do Norte e da América do Sul, e mesmo pelos selvagens das ilhas mais distantes.”

Alguns parágrafos mais adiante, HPB acrescenta:

¹ Ísis é quase sempre representada segurando um lótus em uma mão e um círculo e uma cruz na outra (*cruz ansata*), e o ovo é sagrado para ela. (Nota de H.P. Blavatsky)

² Na mitologia grega, Leda foi seduzida por um cisne e produziu dois ovos, dos quais nasceram seus vários filhos. O cisne era um disfarce de Zeus. (Nota do Tradutor)

³ Os chineses parecem ter assim antecipado a teoria de Sir William Thomson segundo a qual o primeiro germe de vida caiu à Terra desde um cometa que passava. Perguntamos: por que motivo essa ideia deve ser considerada *científica*, e a ideia chinesa precisa ser vista como uma teoria tola e supersticiosa? (Nota de H.P. Blavatsky)

